



O CÓDICE DE STELLA. PROPOSTA DE ANÁLISE DA OBRA “AMANHECÊNCIA” DE STELLA LEONARDOS

Luciana de Campos¹

Resumo: O presente trabalho pretende realizar uma análise da obra “Amanhecência” escrita pela poetisa e tradutora brasileira Stella Leonardos que, inspirada nas cantigas de amor, amigo, pastorelas e barcarolas medievais galego-portuguesas dos séculos XII, XIII e XIV, recria essa atmosfera poética conservando elementos da métrica, da rima e da própria língua portuguesa do medievo, criando assim uma poesia contemporânea de temática medieval. Essa obra insere-se no movimento poético denominado “Neo-trovadorismo” que procura resgatar não somente a temática, mas todas as regras e formas do “fazer poético” medieval apresentando aos leitores da contemporaneidade uma nova poesia mas que obedece às regras da lírica trovadoresca galego-portuguesa. Para essa análise utilizaremos como suporte teórico os estudos de Paul Zumthor sobre a análise da poesia e da importância da performance oral medieval e a sua repercussão na poesia do neo-trovadorismo e Octávio Paz com a análise das questões acerca da literatura e da literalidade medievais revisitadas na contemporaneidade.

Palavras-Chaves: Poesia Medieval – Análise poética – Estudos de literatura e cultura medieval

Résumé: Ce travail a l'intention de procéder à une analyse de l'œuvre "Amanhecência" écrit par le poète et traducteur brésilien Stella Leonardos qui, inspiré par les chansons d'amour, ami, Pastorelas médiévales et barcarolas galicien-portugais des siècles XII, XIII et XIV, recrée cette atmosphère poétique conservation éléments du mètre, la rime et propre langue portugaise du Moyen Age, créant ainsi une poésie contemporaine du thème médiéval. Ce travail fait partie du mouvement poétique dite «néo-Troubadour» qui cherche à sauver non seulement le sujet, mais toutes les règles et les moyens de

¹ Aluna regular do Programa de Pós-graduação em Letras PPGL/UFPB nível Doutorado. Pesquisadora do NEVE Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos UFPB/CNPq.

"faire poétique" présentant médiévale aux lecteurs contemporains une nouvelle poésie, mais qui obéit aux règles de troubadour lyrique galicien-portugais. Pour cette analyse, nous allons utiliser comme support théorique des études Paul Zumthor sur l'analyse de la poésie et de l'importance de la performance orale médiévale et son impact sur la poésie de néo-Troubadour et Octavio Paz avec l'analyse de questions sur la littérature médiévale et littéralité revisitée à l'époque contemporaine.

Mots clés: La poésie médiévale -L'analyse poétique - Études littérature et la culture médiévale

*Pour les amoureux esjoir
Qui les vorront lire ou oyr*
Anônimo francês, século XIII

I. Introdução

A literatura medieval galego-portuguesa pode ser considerada uma literatura muito próxima à literatura produzida no sul da França na região da Provença², que está representada de forma marcante pela poesia lírica, principalmente de cunho amoroso. Essas composições denominadas “cantigas de amor”³ e “cantigas de amigo” formavam a riquíssima e singular lírica trovadoresca galego-portuguesa. Todas essas composições ao serem “cantadas” eram acompanhadas por instrumentos musicais – algumas dessas composições possuíam partituras - para plateias seletas em castelos e festas, constituindo-se assim no grande entretenimento da Idade Média Central (séculos XI a XIII), em que a voz era o grande elemento difusor da poesia lírica medieval.

Resgatando esses elementos primordiais da poesia lírica medieval dos cancioneiros galego-portugueses dos séculos XII, XIII e XIV, Stella Leonardos

² Análoga pelo conteúdo à literatura provençal por estar representada exclusivamente pela poesia amorosa, a rica lírica galaico-portuguesa surge entre os séculos XII e XIV e, em certo sentido, tem como principal característica, tal como acontece com a catalã, o facto de fazer uma tradição que lhe vinha de fora, assimilando-a de forma magistral, sem nunca renunciar à sua língua. (IÁÑEZ: 1989, p. 181).

³ O que parece distanciar o leitor moderno da poesia lírica trovadoresca é o fato de ela se prender a normas rígidas de composição, das quais resultaria uma fixidez incompatível com a subjetividade que o lirismo costuma explorar à exaustão. Para rever os descertos e as incorreções desse juízo, em se tratando da produção poética galego-portuguesa, é necessário buscar compreender as relações entre as fontes manuscritas dela e todo um arsenal teórico que remonta à Antiguidade greco-romana e que a sustenta. (MONGELLI: 2010, p. 1)

apresenta ao leitor contemporâneo uma *reescrita* dessas cantigas. Realizando um profundo trabalho de pesquisa tanto da língua portuguesa medieval quanto da musicalidade dessas cantigas, Leonardos⁴ cria uma nova poesia, que como Zumthor (1994, p. 28) explica, é uma recriação poética, que pode ser entendida como uma nova produção de poesias não somente inspiradas, mas principalmente escritas, em uma língua que já não é mais falada.

Podemos considerar, portanto, que a poesia de Stella Leonardos é um exercício de Filologia e Gilberto Mendonça Teles, no Prefácio de *Amanhecência*, afirma que essa obra poética tem sido fundamental para os estudos da moderna Filologia Românica.

Essa poesia contemporânea⁵, que carrega nas suas linhas elementos do português medieval – cada poema traz uma epígrafe, na qual são apresentados fragmentos de cantigas de amor e de amigo de autores como, por exemplo, Paio Soares de Taveiros e Bernal de Bonaval –, aproxima o leitor das cantigas, mostrando que a poesia sempre apresenta temáticas atemporais: o amor, a morte, a paixão e, principalmente, a saudade. Um dos elementos que desperta a atenção do leitor nos poemas “neo-medievais” da

⁴ Poesia é emoção condensada em linguagem, rica, tensa e ambígua. Reflexão em suas formas geométricas calcadas na imagem, sob o pretexto da escrita para revelar uma idéia. Em Stella Leonardos mostra um discurso significativo pontuado pelo som, no ritmo que ela imprime em sua maneira particular de sustentar a ideologia. Sua palavra cantante escorre musicalmente com interferência de vozes, tornadas dinâmicas, apropriadas, nas lembranças e cenas descritas. (MATTOS: 2010, p. 1).

⁵ “Os sentidos de um poema são múltiplos e variáveis: as palavras dele são únicas e insubstituíveis. Trocá-las seria destruir o poema. A poesia, sem deixar de ser linguagem, é algo mais que linguagem. O poeta, imerso no movimento do idioma, que é um contínuo ir e vir verbal, escolhe umas quantas palavras – ou é escolhido por elas. Ao combiná-las, constrói seu poema: um objeto verbal feito de signos insubstituíveis e imóveis. O ponto de partida do tradutor não é a linguagem em movimento, matéria-prima do poeta, mas a linguagem fixa do poema. Linguagem congelada, mas perfeitamente viva. Sua operação é inversa à do poeta: não se trata de construir com signos móveis um texto móvel, mas de desmontar os elementos deste texto, pôr de novo em circulação os signos e devolvê-los à linguagem. Os grandes períodos criadores da poesia do Ocidente, desde sua origem em Provença até nossos dias, foram precedidos ou acompanhados por entrecruzamentos de diferentes tradições poéticas. Esses cruzamentos às vezes adotam a forma de imitação e outras, a de tradução. A partir desse ponto de vista, a história da poesia europeia poderia se ver como a história das conjunções das diversas tradições que compõem o que se chama a literatura do Ocidente, para não falar da presença árabe na lírica provençal ou a do haikai e da poesia chinesa na poesia moderna. Os críticos estudam as “influências”, porém esse termo é equívoco: mais apropriado seria considerar a literatura do Ocidente como um todo unitário no qual os personagens centrais não são as tradições nacionais – a poesia inglesa, a francesa, a portuguesa, a alemã, mas os estilos e as tendências. Nenhuma tendência e nenhum estilo foram nacionais, nem mesmo o chamado “nacionalismo artístico”. Os estilos são coletivos e passam de uma língua para outra; as obras, todas enraizadas em seu solo verbal, são únicas. Únicas, mas não isoladas: cada uma delas nasce e vive em relação com outras obras de línguas distintas. Assim, nem a pluralidade das línguas nem a singularidade das obras significa heterogeneidade irreductível ou confusão, mas sim o contrário: um mundo de relações feito de contradições e correspondências, uniões e separações”. (PAZ, 2009, p. 23, 25).

obra *Amanhecência*⁶ é o trabalho de pesquisa cuidadoso e elaborado desenvolvido pela autora, que demonstra não estar somente preocupada com a recriação em si das cantigas galego-portuguesas do ponto de vista da temática amorosa, mas também do ponto de vista formal: a linguagem, a forma, a estrutura, o ritmo, a versificação, métrica, e a ortografia refletem não somente o profundo conhecimento que a autora possui da língua portuguesa e dos cancioneiros medievais, mas como ela consegue expressar o seu amor através da sua poesia às raízes medievais do Brasil. (TELES: 1973, p. 30).

A obra *Amanhecência* foi publicada no início dos anos 1970, quando os estudos de literatura medieval no Brasil ainda não estavam plenamente consolidados e, por essa mesma razão não havia estudos mais aprofundados⁷ que se debruçassem sobre essa temática. A poesia de Stella Leonardos apresenta-nos janelas abertas e plenas de luz para os cancioneiros medievais: suas releituras e reescritas associados ao seu trabalho como tradutora e divulgadora de novos poetas são fundamentais para justificarmos e incentivarmos não somente o estudo da literatura medieval, mas observar como essa literatura exerceu certa influência na literatura brasileira.

Abordando essa ancestralidade que a poesia de Stella Leonardos resgata, centraremos nossa análise de dois poemas de *Amanhecência*. Alguns poemas chamam a atenção por remeterem diretamente à temática amorosa das cantigas de amor e de amigo, outros às pastorelas e barcarolas de igual beleza, outros fazem alusão ao domínio muçulmano na Península Ibérica que deixou marcas profundas na música, poesia, arquitetura e gastronomia daquele local e do qual somos herdeiros. Há, portanto, um poema que para nós é singular tanto na beleza quanto no tema e que trata de um tema pouco frequente na poesia: a gastronomia. A arte da doçaria portuguesa é ancestral e é

⁶ “Cada palavra encerra certa pluralidade de significados virtuais: no momento em que a palavra se associa a outras para construir uma frase, um destes sentidos se atualiza e se torna predominante. Na prosa a significação tende a ser unívoca, enquanto que, segundo se diz com frequência, uma das características da poesia, talvez a mais importante, é preservar a pluralidade de sentidos. Na verdade, trata-se de uma propriedade geral da linguagem; a poesia a acentua, porém, atenuada, se manifesta também na fala corrente e ainda na prosa. (Esta circunstância confirma que a prosa, no sentido do termo não tem existência real: é uma exigência ideal do pensamento.) Os críticos têm-se detido nesta perturbadora particularidade da poesia, sem reparar que a essa sorte de mobilidade e indeterminação dos significados corresponde outra particularidade igualmente fascinante: a fixidez dos signos. A poesia transforma radicalmente a linguagem e em direção contrária à da prosa. Em um caso, à mobilidade dos signos corresponde a tendência de fixar um só significado; no outro, à pluralidade de significados corresponde a fixidez dos signos.” (PAZ, 2009, p. 23, 25).

⁷ Não se pode esquecer os importantes trabalhos de Segismundo Spina que começam nos anos 1960 na Universidade de São Paulo, que dedica-se tanto aos estudos da Lírica Trovadoresca Galego-portuguesa como seus estudos sobre Filologia Românica tendo os Cancioneiros Medievais como *corpus*.

justamente de Portugal que se tem notícia de um dos mais famosos receituários da Baixa Idade Média: *O Livro de Cozinha*, da Infanta Dona Maria de Portugal. Stella Leonardos recria em um dos poemas uma receita de aletrias⁸ e, com açúcar e especiarias, convida seus leitores a se encantarem com a recriação de cantigas medievais.

II Proposta de Análise Literária de dois poemas de *Amanhecência*.

Pus-lhes rimas e lhes dei forma poética. Muitas noites de vigília passei por eles!

(“Prólogo” dos *Lais de Maria de França*).

A obra *Amanhecência* é fruto de uma intensa pesquisa linguística, filológica literária e histórica da autora para a composição de cada um dos poemas apresentados ao longo da obra, onde a recriação do universo poético medieval galego-português se faz presente. (TELES: 1973, p. 13). Alguns poemas chamam a atenção do leitor ao citar personagens e fatos importantes da história medieval portuguesa, como, por exemplo, os ligados às Guerras de Reconquista⁹. Expor em seus versos as glórias passadas do Portugal Medieval é uma maneira de apresentar ao leitor contemporâneo que esse passado medieval forneceu alicerces sólidos para a formação do Brasil e influencia até hoje muitas das criações artísticas, principalmente aquelas de cunho popular como os cordéis e as cirandas¹⁰. Os poemas de Stella Leonardos dialogam, cantam, rimam e versam com os textos medievais, seja nas epígrafes, seja nos versos, realizando assim uma intertextualidade (TELES: 1973, p. 22) o que enriquece o poema, tornando-o mais belo e rico.

⁸ Uma espécie de macarrão bem fino, popularmente conhecido como “cabelo-de-anjo”.

⁹ Reconquista é a designação historiográfica do processo pelo qual a partir do século XI as comunidades cristãs da Espanha reconquistaram os territórios perdidos para os muçulmanos nas décadas imediatamente seguintes a 711. Um dos principais momentos desse processo é a formação do Reino de Portugal e a conquista da cidade de Lisboa em 1148. Ao final do século XIII, somente o Reino de Granada ainda estava em mãos muçulmanas, ficando assim até o ano de 1492. Algumas fontes literárias tendem a romancear e, de certa maneira simplificar a Reconquista em sua interpretação da Península Ibérica, interpretando-a simplesmente como uma longa Cruzada desde o reinado de Carlos Magno até o final da Idade Média. A realidade, porém, era muito diferente, e a Reconquista deve ser interpretada no contexto de uma interação complexa de povos – cristãos, muçulmanos e judeus – que fez da Península Ibérica uma das mais importantes fontes da vida intelectual e cultural da Idade Média (LOYN: 1990, p. 214).

¹⁰ Um bom exemplo dessas reminiscências medievais na música brasileira contemporânea é o álbum “Ciranda Mourisca” de autoria de Alceu Valença, lançado em 2009, e que mostra todo o trabalho de pesquisa e resgate desse estilo musical medieval que ainda hoje é cantado, principalmente em Pernambuco.

A nossa proposta de análise procurará fixar-se justamente nos elementos literários contidos em dois poemas: “Guitarra Sarracena”, em que são descritos o feitos de Geraldo Sem Pavor e “Alfeloieiro da Rainha” - aqui, a autora recria uma receita de um doce português medieval de origem árabe. A análise procurará detalhar alguns elementos do poema, mostrando que a autora teve a preocupação de manter tanto a grafia quanto o uso de palavras do vocabulário medieval português nas suas composições e para facilitar a compreensão dos leitores coloca um glossário ao final de cada poema. Stella Leonardos proporciona ao leitor uma viagem ao mundo medieval pelos versos da Terceira Geração do Modernismo Brasileiro.

“Mis welys, mis welyos, ved”!...
“Jarcha” moçárabe

GUITARRA SARRACENA

“Meus olhos, meus olhos, veede!”
 Reluzem punhais vedros,
 Luzen lusos d’ardor.
 E verten vinhos evos
 e de sangue em la cor. Geraldo venceu Évora,
 Geraldo Sem Pavor.

Guai águia d’olhos vernos!
 Guai águia dólhos velios!
 Secade aa tanta dor.

O poema “Guitarra Sarracena” tem como epígrafe o verso de uma “jarcha¹¹”, que é uma breve composição lírica de origem muçulmana que constitui a parte final de um poema escrito em árabe denominado “moaxaia”, típico da Espanha quando sob o domínio muçulmano. A referência a essas composições líricas típicas da Península Ibérica deve-se a “personagem principal” do poema: Geraldo Sem Pavor. No poema

¹¹ A jarcha mais antiga parece ser de meados do século XI e a mais moderna da primeira metade do século XIV. Eram frequentes, sobretudo, entre os finais do século XI e princípios do XII. A maioria das jarchas estão compostas em um dialeto hispano-árabe coloquial, mas uma pequena parte está em língua romance, falada pelos andaluzes; como consequência disso constituem os exemplos mais antigos que se conhecem de poesia em língua romance. Foram escritas por poetas cultos árabes e judeus que tomavam como modelo a lírica românica tradicional. Esses poetas utilizaram elementos do folclore, de canções populares e as adaptaram às suas necessidades para comporem seus poemas e adequarem-nos à métrica, pois deviam integrar-se na moaxaia e realizar uma boa composição poética, de modo que a nova criação ficasse próxima dos moldes tradicionais.

“Guitarra Sarracena”, observamos que a autora exalta os feitos e a figura de um dos heróis portugueses medievais contra os muçulmanos, Geraldo Sem Pavor.

Geraldo Sem Pavor foi um herói nascido na cidade de Évora e que lutou nas Guerras da Reconquista. Homem de confiança de D. Afonso Henriques, foi enviado a várias missões tanto de espionagem quanto no comando de batalhas, para derrotar os muçulmanos que ocupavam a Península Ibérica. De personalidade controversa, muitos o viam como um bandido, outros como libertador. Atualmente na cidade de Évora há praças e estátuas em sua homenagem, sendo, inclusive, a mais famosa aquela em que Geraldo é retratado, segurando a cabeça de um líder muçulmano.

Nos versos que se seguem, a autora vai construindo por comparações com punhais, vinhos, sangue e lágrimas a trajetória do herói na guerra. A epígrafe, também é o primeiro verso do poema apresenta uma exclamação de dor e de espanto: “Meus olhos, meus olhos, vede!” Os olhos veem e descrevem objetos e imagens: punhais antigos que remetem diretamente ao passado armado de Portugal durante a Idade Média: “Reluzem punhais vedros,/luzen lusos d’ardor”, que são claras referências às armas utilizadas: punhais, espadas e cimitarras que reluzem com o clamor da batalha para lutar e para livrar-se do inimigo usurpador. Tais armas clamam pelos lusos: que venham com punhais antigos, evocando os ancestrais e assim alcançando novamente a liberdade. Esses mesmos punhais vertem sangue da cor do vinho produzido naquelas terras, que parecem não ter fim.

As lutas empreendidas pelos lusitanos durante os séculos que se seguiram as guerras de Reconquista ceifaram milhares de vidas, daí a imagem criada no poema: “E vertem vinhos evos/ e de sangue em la cor”. Vinhos sem fim, sangue sem fim. O poema descreve o derramamento de sangue ocorrido durante qualquer guerra em qualquer tempo, que possui a mesma cor de vinhos velhos e bons. Tanto o vinho quanto o sangue possuem a mesma cor, ambos jorram pela terra: o vinho produzido pela mão humana, que necessita de descanso antes de ser consumido por aqueles cujas mãos o produziram, jaz agora sob a mesma terra. Geraldo Sem Pavor, o herói de Évora, fez reluzir os “punhais antigos”, adormecidos, mas que brilham com a alma lusitana que clama por ser livre.

Esse poema, ao resgatar o herói da Reconquista Geraldo Sem pavor que, como explicitado no poema, possui uma imagem ambígua - ora herói, ora fora-da-lei – mas,

mesmo assim, não deixa de despertar interesse e fascinação e, como herói, há orgulho de canta-lo bem como as suas façanhas. Todavia, o mesmo herói que desperta o orgulho traga com as suas façanhas as lágrimas. A última estrofe do poema faz alusão justamente às lágrimas jovens e velhas que vertem dos olhos de todos e todas que estiveram dos dois lados das guerras. As lágrimas vertem pela dor da perda, pelas feridas abertas e vidas ceifadas. Resta um apelo no último verso: “Secade aa tanta dor”. Que a dor acabe, que as lágrimas sejam secas, pois é preciso secar tanta dor.

O que nos chama mais a atenção ao analisarmos esse poema é que ele foge a estrutura original de alguns poemas medievais – aqui tomamos como base para essa afirmação as cantigas trovadorescas, que possuem refrão, estrofes com o mesmo número e versos e rimas. A autora que pertence a Terceira Geração do Movimento Modernista Brasileiro e, portanto, cria uma poesia em que o verso livre é privilegiado, onde não há a necessidade de se prender as rimas, versos, pausas, e estrofes sem, no entanto, comprometer o ritmo e a musicalidade do poema. Esses elementos da Poesia Modernista Brasileira presentes na obra de Stella Leonardos é algo singular na Literatura Brasileira contemporânea e é justamente esse resgate do passado lusitano e a forma de apresentá-lo aos leitores brasileiros que também são herdeiros indiretos dessa tradição poética.

O poema “Guitarra Sarracena” já no título apresenta a referência ao instrumento musical de onde saem doces notas e acordes, para acompanhar canções que falam de glórias e amor, mas que também embalam os versos tristes que falam da dor, versos que fazem verter lágrimas de jovens e velhas, embaladas pelo sabor do vinho e odor do sangue que cantam o El Cid Lusitano.

Os meus, os nossos olhos veem: glórias passadas, lágrimas, sangue e vinho: a construção do mito de herói nacional cantado há mais de oitocentos anos que ainda desperta interesse de poetas que buscam as ressonâncias da Idade Média na poesia contemporânea brasileira e, deste modo, cantá-lo para os habitantes de além-mar, herdeiros indiretos de um passado medieval que, como os acordes de uma guitarra sarracena, encantam, embalam e despertam não só a curiosidade de se descobrir e conhecer esse passado, mas também observá-lo no contemporâneo e fazê-lo um pouco nosso.

Stella Leonardos é, portanto, uma poetisa transformadora: transforma em versos livres o passado com ares, cores e aromas, mas o faz não apenas para que seus versos possam ser lidos, como também para que o frescor de seus versos desperte o desejo de conhecer o passado heroico mais a fundo e, assim, tornar-se seu legítimo herdeiro.

III. Aromas, doces e poesia: Por uma análise de “O Alfeloeiro da Raynha”

O segundo poema que selecionamos para a análise intitula-se “Alfeloeiro da Raynha” e, com toda a “doçura”, a autora apresenta mais ressonâncias medievais na sua obra. Neste poema, Leonardos oferta aos leitores um receita da típica doçaria portuguesa da Baixa Idade Média em forma de poesia, obedecendo à grafia do Português Medieval mesclado com o verso livre Modernista. O poema em questão apresenta uma receita de um doce delicado, que atualmente é conhecido como “fios de ovos”, e segundo a autora trata-se de uma receita doce e muito delicada para agradar tanto loiras como morenas belas.

“R. Dez gemas d’ouos e duas de craras e duas

Colheres de farinha, de prata”...

Notizie di manuscritti neolatini

ALFELOEIRO DA RAYNHA

- ALFELOEIRO da raynha:

Vossa receita qual he?

- Minha receita he daquelas

Pera agradar loiras belas

De inobridavel doçura.

Juntem a dez gemas d’ovos

Duas de craras e duas

Colheres – dessas de prata –

De farinha. Batam tudo,

Mui bem batido,

E huua tijella nova

Ou uma certaã pequena
 - quanto mais alta melhor –
 Encham mea de manteigua.
 Fervam-na rijo
 A tudo deitando aly
 E volta como aletria
 Por huua albarada sim,
 Mas das de bico.
 Ponhaõ a escorrer e jueira,
 Deitem-lhe por cima açúquar
 Do pisado cõ canela.
 E queda o aviso:
 Minha receita he daquelas
 Que agradam morenas belas
 Aa falta de loiras puras.

Alfeloeiro é o termo medieval para o confeitiro real responsável por toda sorte de pratos doces que iriam para a mesa e que deliciavam toda a nobreza. O poema inicia-se com uma epígrafe de um manuscrito medieval português que descreve a receita original que será detalhada ao longo do poema. O delicado doce lembra as aletrias, uma espécie de macarrão bem fino de origem árabe que é utilizado tanto para pratos doces quanto salgados, que, pela sua delicadeza, é por muitos denominado como macarrão cabelo-de-anjo. A receita que Stella Leonardos transforma em poema é justamente um doce para adoçar e alegrar belas mulheres de alta posição social. Assim como nas cantigas de amor, a mulher ali descrita também ocupa uma posição social privilegiada, pois sempre é denominada como: “Mya señor”. Esse detalhe é fundamental para compreendermos a importância dessas composições literárias medievais portuguesas ou galego-portuguesas, pois a mulher é denominada por um substantivo masculino: “señor” e não senhora, mostrando que no jogo amoroso apresentado nessas cantigas é a mulher bela e poderosa que detém todo o poder. Percebemos logo no título do poema “Alfeloeiro da Raynha”, que o confeitiro vai assegurar a sua rainha ter sempre à mesa as mais finas iguarias doces.

O açúcar e também o pau-brasil eram os dois produtos mais importantes que saíam do Brasil, então colônia, para a metrópole Portugal. O açúcar, antes trazido da Índia, era um produto raro e caro destinado, portanto, somente à realeza, sendo empregado em receitas finas tanto doces quanto salgadas (MONTANARI: 2010), mas durante o decorrer dos séculos XVI e XVII passou a ser utilizado em todos os tipos de pratos: dos assados às saladas, das sopas aos guisados - tudo deveria conter açúcar. Seu uso era tamanho que não se sentia o sabor dos outros condimentos ou do próprio alimento. (FLANDRIN: 2009, p. 101). O sabor doce era tido como salutar devido ao deslumbramento causado pelo açúcar: de produto escasso, usado quase como uma especiaria, passou a ser produzido em maior escala, popularizando seu uso.

Esse poema dá voz ao confeitoiro, que vai a cada verso descrevendo os ingredientes do doce que será servido às delicadas mulheres: loiras puras e morenas belas. A rainha, interessada em saber qual será o delicado manjar que será preparado para agradar seu delicado e refinado paladar, indaga ao confeitoiro sobre a sua receita a ser preparada. A resposta segue ao longo dos versos, alguns possuem rimas e, portanto, diferem do outro poema analisado, em que a rima não era apresentada. Não são descritos somente os ingredientes e o modo de fazer, mas são descritas as delicadas bocas que devem provar tal iguaria: aquelas das belas loiras e morenas.

Percebe-se ao longo da leitura do poema que a autora foi cuidadosa ao decodificar essa receita e transformá-la em poema em um ritmo suave de composição, valorizando assim a musicalidade de cada verso. Obedecendo ao uso do imperativo que é o tempo verbal empregado na redação das receitas contemporâneas, a autora dá voz ao confeitoiro que irá, posteriormente, declarar para quem seus doces são feitos, ordenando ingredientes e o modo de fazer dando doces ordens: “ –Minha receita he daquelas/pera agradar loiras belas/de inobridavel doçura./Juntem a dez gemas d’ovos/duas craras e duas/colheres – dessas de prata –/ de farinha. Batam tudo,/ mui bem batido.” Os ingredientes são apresentados juntamente com o modo de fazer - o que era comum aos receituários da época - e não como nos receituários contemporâneos, nos quais os ingredientes são separados do modo de fazer.

A redação das receitas durante a Baixa Idade Média muito se assemelha ao poema de Stella Leonardos: em algumas há realmente a presença do diálogo, a invocação de santos protetores para que a receita saia a contento ou então são invocados

santos em determinado dia, pois a receita é tão especial que só pode ser executada em determinada data. (LEIMGRUBER: 2010, p. 20).

Com esse poema, o leitor pode concluir que ler a poesia da Stella Leonardos não é simplesmente ter uma leitura descompromissada: é empreender uma viagem de sons, ritmos, versos, odores e sabores que se passaram há séculos, longe de nós, oriundos de uma cultura, da qual podemos nos orgulhar de sermos seus legítimos herdeiros. Ler o “Alfeloieiro da Raynha” é mais do que um convite a aventurar-se entre as delícias da doçaria medieval portuguesa, é a entrada para adentrar o universo de cada poema de *Amanhecência*, onde a pesquisa filológica e sócio-histórica empreendida pela autora nos convida a conhecer essa Idade Média: cheia de cores, de vinhos, de heróis e, sobretudo, de paixão, e nos apossarmos dela e, por que não?, sentirmos orgulho de tê-la herdado.

IV. À guisa de conclusão

A leitura dos poemas de Stella Leonardos em *Amanhecência* não foi útil somente para conhecermos o trabalho dessa poetisa brasileira extremamente profícua nos seus trabalhos de tradução e de divulgação de novos autores. Ela foi necessária para refletirmos sobre o porquê de uma obra tão densa do ponto de vista da pesquisa filológica e literária empreendida pela autora para compor cada poema, para escrever um glossário para cada um e, assim, permitir que o leitor mergulhasse profundamente no universo da poesia medieval portuguesa e conseguisse compreender o seu ritmo e suas vozes: femininas, masculinas, heroicas, doces e tristes, a fim de entender os fatos ali expostos e destarte mostrar que, segundo as palavras da autora, o “Brasil é sempre novo”, mas que não deixa esquecidas as suas raízes.

Reinventar, recriar e reviver essa poesia medieval escrita por Stella Leonardos é como descobrir um tesouro literário que ainda está envolto em véus que precisam ser retirados para se descortinar toda a beleza que há nesse códice de Stella por Stella.

Ao descobrirmos essa poesia desvelamos também a sua autora e a sua declarada paixão pela língua e literatura galego-portuguesa e brasileira que, ao retratar os heróis de além-mar e seus feitos na Idade Média, ressalta a força que essa língua – e por que não dizer esse mesmo heroísmo? – possui, pois é uma herança que deve ser reverenciada e vivida por aqueles que tiveram os brotos do seu futuro fincados nas

raízes do passado, pois o Brasil nasceu e cresceu medieval: que se brindem e celebrem com boas cirandas sarracenas e com o brilho da estela de Stella.

V. BIBLIOGRAFIA

FLANDRIN, Jean-Louis. “A moderna cozinha europeia: uma encruzilhada de experiências culturais (séculos XVI-XVIII)”. In: MONTANARI, Massimo (org.) **O Mundo na Cozinha. História, identidade, trocas**. São Paulo: SENAC/Estação Liberdade, 2009.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

IÑÉZ, E. **História da Literatura**. A Idade Média. Lisboa: Planeta, 1992.

LEÃO, Ângela Vaz. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007. (Col. Obras em Dobras).

LEMAIRE, Ria. Repensar um percurso na ocasião de um aniversário. **Revista Cerrados**. Brasília: UnB, 2011.

LEONARDOS, Stella. **Amanhecência**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1972.

MATTOS, Cyro de. “A pátria de Stella Leonardos”. In: **Itabuna Centenária**. Disponível em < <http://cemanosdeitabuna.ning.com/profiles/blogs/a-patria-de-stella-leonardos-artigo-de-cyro-de-mattos> > Acessado a 22 de Julho de 2014.

MICHELLI, Regina. **O amor nas cantigas trovadorescas: sublimação, concretização, transgressão**. Disponível em < http://www.filologia.org.br/pub_outras/sliit02/sliit02_99-109.html > Acessado a 15 de Julho de 2014.

MONGELLI, Lênia Márcia e VIEIRA, Yara Frateschi. **A Estética Medieval**. Cotia: Ibis, 2003.

_____. **As fontes da lírica profana galego-portuguesa**. Disponível em < <http://portal.fclar.unesp.br/poslinpor/gtmedieval/publicacoes/serie02 fontes/fontes leni a-mongelli.pdf> > Acessado a 15 de Julho de 2014.

PAZ, Octavio. **La llama doble**. Barcelona: Editorial Barral, 1993.

_____. **Tradução: literatura e literalidade**. Tradução de Doralice Alvez de Queiroz. Cadernos Viva Voz. Belo Horizonte FALE/UFMG, 2009, p. 05-32.

PEREIRA, Armando de Sousa. **Geraldo sem Pavor. Um guerreiro de fronteira entre cristãos e muçulmanos, c. 1162-1176**. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2008.

TELLES, Gilberto Mendonça. **O códice do códice: A estela de Stella**. In: *Amanhecência*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1972. P. 13.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz. A “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Falando de Idade Média**. São Paulo: Perspectiva, 2009.